

## As identificações hiperdinâmicas: os errantes

---

The hyperdynamic identifications: they roam  
Las identificaciones hiperdinámicas: ellos deambulan

### Hudson Augusto Rodrigues Bonomo

Universidade Santa Úrsula (USU/Brasil)  
Universidade Veiga de Almeida (UVA/Brasil)  
hudson.bonomo@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0003-0656-7641>

### RESUMO

Este artigo é uma reflexão sobre o sujeito da cena contemporânea, que se apresenta com sua angústia por estar cada vez menos identificado com as estruturas tradicionais como a família, a sociedade, a religião, entre outras e cada vez mais implicado em identificações provisórias. Esta movimentação entre identificações provisórias, com espaços de vazio, silêncio e angústia que se intitula neste artigo como “identificações hiperdinâmicas”. Este sujeito erra como um navio no oceano com uma nova dinâmica de subjetivação ou do silenciamento desta mesma subjetivação, promovendo a necessidade de uma nova escuta ética da psicanálise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identificações hiperdinâmicas; Subjetivação; Psicanálise; Errância.

### ABSTRACT

*This article is a reflection about the contemporary scene, who presents himself with his anguish for being less and less identified with traditional structures*

---

\* Sobre o autor ver página 59-60.



*such as family, society, religion, among others and increasingly involved in provisional identifications. This movement between provisional identifications, with spaces of emptiness, silence and anguish that is entitled in this article as "hyperdynamic identifications". This subject roam like a ship in the ocean with a new dynamic of subjectivation or the silencing of this same subjectivation, promoting the need for a new ethical listening to psychoanalysis.*

**KEYWORDS:** *Hyperdynamic identifications; Subjectivation; Psychoanalysis; Roam.*

#### **RESUMEN**

*Este artículo es una reflexión sobre el sujeto de la escena contemporánea, que se presenta con su angustia por estar cada vez menos identificado con estructuras tradicionales como la familia, la sociedad, la religión, entre otras y cada vez más involucrado en identificaciones provisionales. Este movimiento entre identificaciones provisionales, con espacios de vacío, silencio y angustia que en este artículo se titula como "identificaciones hiperdinámicas". Este sujeto yerra como un barco en el océano con una nueva dinámica de subjetivación o el silenciamiento de esta misma subjetivación, promoviendo la necesidad de una nueva escucha ética del psicoanálisis.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Identificaciones hiperdinámicas; Subjetivación; Psicoanálisis. Deambulación.*

Isso, portanto, nos leva a fazer a pergunta crucial da escolha na análise: esses sujeitos concordarão em deixar sua órbita para se tornarem filhos da análise? Filhos da palavra?

(AMIÉL, 2005, p. 243)

Este artigo é uma reflexão sobre o sujeito da cena contemporânea, que se apresenta com sua angústia por estar cada vez menos identificado com as estruturas tradicionais como a família, a sociedade, a religião, entre outras, e cada vez mais implicado em identificações provisórias. Essa movimentação entre identificações provisórias, com espaços de vazio, silêncio e angústia se intitula neste artigo como "identificações hiperdinâmicas" pela via do excesso como observado na clínica psicanalítica.

Pelo fato da perda da referência da tradição, é, portanto, primeiro, com um relativismo generalizado que lidamos; e, já que tudo se equivale, não há mais meio de dar o devido valor regulador à diferença de lugares; portanto, é a um momento senão de caos, em todo caso de turbulência generalizada que assistimos, cada um tentando constituir uma escala de valores a partir de suas próprias referências, mas, como estas são diferentes das do vizinho, o empreendimento se mostra senão inútil, em todo caso problemático (LEBRUN, 2004, p. 151).

Ao receber este sujeito por meio de uma clínica psicanalítica, ora esvaziado de identificações tradicionais ora intenso nas suas novas tentativas de referência, é necessário a elaboração de uma escuta específica. Faz-se necessário um certo desapego de estruturas tradicionais da parte do psicanalista em prol da escuta de uma nova dinâmica de subjetivação (excesso) ou do silenciamento desta mesma subjetivação (falta). Lebrun (2010, p. 6-7) irá chamá-los de órfãos do simbólico, que praticam novas formas de subjetividade e que vivem em uma fase de latência que nunca acaba. Para o autor, não poderíamos situá-los em estruturas formais da psicopatologia psicanalítica como a neurose, a psicose ou a perversão.

Neste artigo, essa movimentação não necessariamente passaria por uma continuidade de uma fase de latência, como pensa o autor, mas por uma errância com identificações hiperdinâmicas, fugindo ao enquadramento e a necessidade de estar fora de uma normatividade que não é sem angústia.

Assad (2014) dará mais ênfase a mudança na configuração familiar, na paternidade e maternidade, principalmente por terem uma relação direta com o sintoma das crianças:

Será mais do que um dever ético escutar qual a singularidade de um nome próprio ‘incorporado’ aí, diante da metonímia de gozo dos pais pela via da ciência, ou mesmo, diante da metonímia do gozo somente da mãe. Enfim, em que termos a transmissão de um Nome para o sujeito se fará? (ASSAD, 2014, p.1).

Neste artigo, a questão ultrapassa, apesar de considerar estes aspectos familiares como importantes, os nomes-do-pai que Lacan irá fazer analogia com a errância. Errância esta muitas vezes silenciosa, outras vezes louca, muitas vezes chamada de *borderline* por falta de entendimento fora de uma explicação estrutural.

O contemporâneo é caracterizado pelo fim das utopias - pode-se acrescentar a utopia dos diagnósticos - e pela criação a partir de um silêncio que vem de um fora, da potência de um fora. A escuta psicanalítica passa a ser a partir desse silêncio e da tradução desse sujeito atualizado a todo instante. É um novo modo de fazer clínica, uma nova ética em construção.

Como afirma Bourguignon, ‘a longo prazo as palavras são tomadas pelas coisas e já não conseguimos perceber claramente com que realidade estão relacionadas’ (BOURGUIGNON *apud* RINALDI, 1996, p. 13).

No “entre” dessa modificação do sujeito na sua forma de estar no mundo, pode-se atuar como psicanalista, quando acionado, por meio de uma ética, que é da ordem do Real, que tem como manejo principal levar o sujeito a um cuidar-de-si em sua opção pelas identificações hiperdinâmicas, e que pode modificar a clínica do sujeito para uma clínica da subjetivação.

Segundo Lebrun (2010), um dos primeiros trabalhos conceituais de Lacan foi formalizar o Édipo e reintroduzir o Nome-do-pai como agente da metáfora paterna fazendo a passagem do mito para a estrutura.

Até o seminário suspenso em consequência da excomunhão de 1963, intitulado, precisamente, Os nomes do pai, havia tão-somente um significante do Nome-do-Pai, um único pai para todos, uma única maneira de introduzir o sujeito na linguagem (LEBRUN, 2010, p. 86).

O autor ainda afirma que, com essa pluralização, Lacan apresenta uma nova função paterna, que não se trata mais de um mesmo pai para todos, mas de um pai para chamar de seu. Este que é um significante mestre ( $S_1$ ) assegura ao sujeito a inscrição no Outro (lugar dos significantes) dentro do esvaziamento provocado pelo desenvolvimento em conjunto da ciência, da democracia e do capitalismo no campo das referências tradicionais. Com isto, por meio do uso dos nomes-do-pai, não ter-se-ia mais a necessidade de um significante referencial único para todos, o que irá constituir um ponto de limite para cada sujeito. O desafio passa a como estar fora do todo-fálico para viver em um funcionamento não-todo fálico sem a obrigatoriedade de se livrar da instância fálica.

É a partir de uma homofonia entre *Les-Non-Dupes errent* e *Les-Noms-du-Père* que Lacan irá trabalhar em 1973-1974 este novo sentido para os nomes-do-pai. A tradução de *Les-Non-Dupes errent* apresentada ao livro de Lebrun (2010) apresenta sentido de movimento: “Os que-não-se-deixam-levar erram” que é diferente das versões traduzidas livremente para o português que circulam na internet para o mesmo seminário de Lacan: “Os não-tolos erram”.

Lebrun (2010, p. 91) afirma uma nova posição psíquica que induz a substituição do Nome-do-Pai pelo “nomear para”, que se sustenta através da subjetivação no laço social. A errância, neste artigo, se conjugaria com este “nomear para”, estabelecendo, ao contrário, uma indisposição a uma aptidão para a subjetivação.

Por que não prosseguir surfando pelas redes? Por que os encontros apenas virtuais? Por que não permanecer no universo fictício dos animes, dos avatares, dos jogos? Por que não permanecer uma criança generalizada?<sup>1</sup>. É nesta errância que o sujeito irá realizar a sua jornada, sua viagem.

Errar resulta da convergência de erro com algo que não tem rigorosamente nada a ver, e que está relacionado com o errar, que acabei de evocar, que estritamente a relação com o verbo [em francês] *iterare*. *Iterare*, além disso - pois se fosse apenas isso, não seria nada - está aí unicamente por *iter*, que significa jornada, viagem. É precisamente por isso que cavaleiro errante é simplesmente um cavaleiro itinerante (LACAN, 2018 [1973-1974], p. 22).

---

<sup>1</sup> Lebrun (2008) cita que Jacques Lacan prevê, no encerramento de uma jornada em Paris sobre as psicoses da criança (LACAN, 2003 [1967]), que, um dia, numa época futura, teríamos o que ele chama de “criança generalizada”. Nessa época, permanecer criança nada teria de repreensível — pelo contrário, seria implicitamente favorecido.

Não se trata de uma errância deliberada, diz Lebrun (2010, p. 91), o sujeito sustenta o vazio para procurar sua via (sua voz) assumindo assim os riscos da jornada. O que este artigo invoca é o trabalho psicanalítico, que ao ser acionado na jornada do errante, possa estar apto a ouvir a partir desta posição de vazio e muitas vezes com esta mesma voz silenciosa.

Bem, aqui está marcado o que tenho a lhes dizer, considerando a diferença, a diferença que se... que se enrosca ao que acontece aos não-tolos [*os que-não-se-deixam-levar*]. Se os não-tolos [*os que-não-se-deixam-levar*] são aqueles ou aquelas que se recusam à captura do espaço do ser falante, se são aqueles que disso conservam, por assim dizer, seu campo livre, há algo que é preciso saber imaginar: a necessidade absoluta de que ele resulta de uma não errância, mas de um erro. A saber, que para tudo o que tem a ver com a vida e, ao mesmo tempo, com a morte, há uma imaginação que só podem suportar todos aqueles que, da estrutura, se querem não-tolos [*os que-não-se-deixam-levar*], e é isso: que sua vida não é mais que uma viagem. [...] Aqueles que, neste submundo, como eles dizem, estão como se estivessem no exterior [no fora] (LACAN, 2018 [1973-1974], p. 22-23).

O lugar da clínica psicanalítica em meio a este mal-estar contemporâneo precisa ter um olhar para dois fatos: que o sujeito privado do Nome-do-Pai em fuga do trabalho de subjetivação o faz desta forma para viver o seu desejo, mas não sem angústia; e que o trabalho analítico passará pela substituição da falta-a-ser e o desejar pelo fazer e agir, privilegiando o cuidado de si do analisante e o manejo desta angústia. É fato também que os que não procuram a psicanálise como ponto de passagem, em sua errância, não necessariamente tenham problemas com sua angústia ou com seu desejo enquanto vagam. Podem estar confortáveis e estáveis em sua viagem sem a necessidade de acionar o dispositivo clínico.

Lebrun (2010, p. 9), citando Hannah Arendt, sugere não lamentar a ruptura com o fio da tradição, pois isto impede a clínica de analisar o alcance desta constatação. É compreendendo melhor os dispositivos e as possibilidades de uma nova escuta psicanalítica que se pode elaborar novas possibilidades de entendimento da questão problematizada neste artigo.

Giorgio Agamben, filósofo italiano, em seu texto *O que é um Dispositivo* (2005), retrata a partir de Foucault o conceito de dispositivos. Para Agamben (2005) o dispositivo é todo e qualquer coisa que de algum modo possa foracluir o sujeito, o que o coloca fora até mesmo da linguagem do dispositivo. Este modo de foracluir é da prática do discurso do capitalista.

O autor separa os viventes dos dispositivos e amplia, substancialmente, a abrangência destes últimos nos processos dos viventes. Há uma produção de um sujeito da ordem do Real, mas com uma indiferenciação entre subjetivação e dessubjetivação.

Este fator amplia substancialmente a confusão para um Eu que passa de um registro no imaginário para um registro no próprio corpo. As transformações no corpo avançam, as conversões no corpo avançam, o goze imperativo alcança proporções jamais antes imaginadas.

As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real (AGAMBEN, 2005, p. 48-49).

Para o autor, a profanação dos dispositivos é realizada pela arte e pela cultura. Neste artigo usaremos a errância do sujeito como uma forma de profanação do dispositivo de estruturar o sujeito pela via da metáfora paterna tão comum a cena psicanalítica. Para isto, considera-se a clínica psicanalítica com este errante, como um dispositivo clínico sujeito também a uma profanação por parte do errante, e de uma subversão ou flexibilização da técnica por parte do psicanalista.

Lacan afirmou, em seu texto intitulado Radiofonia, publicado no Jornal Acadêmico Scilicet 2/3, já em 1970, que estávamos vivendo uma crise generalizada dos laços sociais. E continuamos a viver esta crise ainda hoje. Isto ocorre, segundo Lacan, graças ao predomínio de um determinado discurso, que ele denomina de discurso do capitalista.

[...] a mais valia, é a causa do desejo do qual uma economia faz seu princípio: o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta de gozar [*manque à jouir*]. Esta se acumula, por um lado, para aumentar os meios dessa produção como capital. Por outro lado, amplia o consumo, sem o qual esta produção seria inútil, justamente por sua inépcia para proporcionar um gozo com que possa tornar-se mais lenta (LACAN, 2003 [1970]).

Neste discurso não há uma relação entre o agente e o outro do discurso, pelo contrário, a partir de um deslizamento, que para a maioria das pessoas passa despercebido, no discurso do mestre, o sujeito desliza para a posição de consumidor. Com isto, fica foracluído o laço social, porque o objeto causa de seu desejo passa a ser apenas um dispositivo objeto de consumo.

A única vez em que Lacan escreveu o discurso do capitalista na forma de um matema ocorreu em uma conferência em Milão em 12 de maio de 1972.

[...] De jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso. Loucamente astucioso, mas destinado a explodir. uma pequenininha inversão simplesmente entre o  $S_1$  e o  $S/$  [...] que é o sujeito [...] basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome [*consomme*], se consome tão bem que se consuma [*consume*]. Agora vocês estão embarcados [...] vocês estão embarcados [...] mas há poucas chances de que qualquer coisa aconteça de sério na corrente do discurso psicanalítico, salvo, assim [...] ao acaso (LACAN, 2015 [1972]).

Este consumidor não faz laço social, predomina a lógica do lucro. Este é o discurso que predomina na contemporaneidade. A estratégia proposta por Lacan será avessar o discurso do mestre, que para não deslizar, passa a tratar o outro como um sujeito. É essa a estratégia da clínica psicanalítica e porque não dizer de sua ética visando resistir a este tipo de discurso do capitalista. Nesse discurso, o psicanalista ocupa o lugar de agente, como *semblant* de objeto causa do desejo (*a*).

Em se tratando da posição dita do analista – nos casos, aliás, improváveis, pois haverá mesmo um analista? quem pode saber? mas teoricamente podemos postulá-lo -, é o próprio objeto *a* que vem no lugar do mandamento. É como idêntico ao objeto *a*, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber (LACAN, 1992 [1969-1970]).

O discurso do psicanalista é um discurso de resistência ao discurso do capitalista. Se aquilo que eu não sou é o que me falta e se esta falta é o único objeto (*a*), o que causa o desejo, a própria clínica, é uma busca desta falta, e como objeto o analista só pode ser *a*. A clínica psicanalítica é um dos possíveis lugares de uma busca pelo desejo. Em um mundo sem desejo, é fundamental que esse tipo de clínica exista.

Freud, em dois textos que trabalham a questão do laço social: *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) e *O Mal-estar na Civilização* (1930), critica uma visão totalizante sobre a ética. Freud reconhecia que a ética estava sendo valorizada para regular as relações apesar de ressaltar as dificuldades que estas trazem ao ser humano.

Freud aponta a identificação como a mais antiga forma de manifestação afetiva a uma outra pessoa e postula que com frequência a escolha de objeto confunde com a própria identificação.

[...] a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação. Ouvimos que a identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto (FREUD, 2011 [1921]).

O laço social não é sem tensões, nem sem demandas, nem sem expectativas e frustrações. Freud coloca a felicidade apenas como um fenômeno episódico e como uma ilusão em que se baseia a elaboração de uma ética universalizante.

[...] o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico desde

o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja 'feliz' não se acha no plano da 'Criação' (FREUD, 2010 [1930]).

Tem-se dois pontos a refletir: o infinito de uma busca por felicidade inalcançável e a força que a escolha de objetos pode representar para um sujeito por meio da regressão a uma identificação. Acrescenta-se agora a coisificação do sujeito pelo discurso do capitalismo, que retira do mecanismo das identificações as tradicionais: família, religião, nação etc. Freud ainda acrescenta a possibilidade de influência, de cópia de escolhas, como se antecipasse a febre de influenciadores digitais da contemporaneidade.

O que se pode compreender como possibilidades de resistência desse sujeito que não passe por um processo de criação de algum fora ao discurso do capitalismo? Como fazer isto com tantos dispositivos que coisificam o sujeito? Será que o errante tem um saber sobre isto ou ele simplesmente caiu nesta armadilha do capitalismo?

Retornando aos dispositivos mais utilizados pelo errante, os tecnológicos, que ganham em alcance e desempenho, vemos um desenvolvimento da comunicação que tem um impacto radical na sociedade e modifica a forma como se relacionam as pessoas. O espaço cibernético, segundo Le Breton (2007, p. 141),

é um modo de existência completo, portador de linguagens, de culturas, de utopias. Desenvolve um mundo real e imaginário de sentidos e de valores que só existem por meio do cruzamento de milhões de computadores e do emaranhamento de diálogos, de imagens, de interrogações de dados, de discussões em chats... que coloca provisoriamente em contato indivíduos afastados no tempo e no espaço e que às vezes ignoram tudo deles mesmos. Um mundo em que as fronteiras se misturam e em que o corpo se apaga [...].

A instabilidade domina essa rede por meio de um conjunto de transformações que são apresentadas por (FLORIDI, 2015) em *The Onlife Manifesto*. Entre elas, destaca-se a mudança da primazia das entidades para a das interações. A primazia das interações cria um embaçamento entre a distinção de realidade e virtualidade por parte do sujeito frente à tecnologia que direciona mais uma vez nosso olhar para uma transitoriedade de espaço e lugar jamais vistos.

De forma similar, nos ambientes virtualizados, os espaços são emergentes e rapidamente desconstruídos e reorganizados em uma nova forma de acesso ou rede. A rede imita o processo de transformações da vida real, mas com muito mais potência. É um lugar favorável a onipotência do pensamento liberando os limites do corpo para criar e movimentar-se à vontade:

O espaço cibernético é a apoteose da sociedade do espetáculo, de um mundo reduzido ao olhar, à mobilidade do imaginário, mas à inspeção dos corpos que se tornaram inúteis e estorvantes (LE BRETON, 2007, p. 142).

Somando-se ao infinito de uma busca de felicidade, a uma escolha objetual pela via de uma identificação opaca, uma grande quantidade de dispositivos e seu domínio sobre os corpos; a intensidade que a tecnologia adiciona aos processos psíquicos submissão do assujeitado ao discurso do capitalismo. O confronto se dará no âmbito da proliferação de processos de subjetivação. A psicanálise para este artigo necessita compreender melhor os dispositivos que objetificam o sujeito e o que se pode apreender com as novas formas de subjetivação do sujeito errante. A psicanálise pode aprender muito com estes processos de objetificação.

Para Latour (2020) a falta de um “mundo comum” a compartilhar está nos enlouquecendo. Lembra a abordagem de Freud sobre a universalidade, porém no campo dos dispositivos estabelecidos.

Para resistir a essa perda de orientação comum, será preciso aterrar em algum lugar. Daí a importância de saber como se orientar, e para isso traçar uma espécie de mapa das posições ditadas por essa nova paisagem na qual são redefinidos não apenas os afetos da vida pública, mas também as suas bases (LATOUR, 2020, p. 2).

O autor fala da negação que atravessa a questão da existência de um problema, que para este artigo é a alienação do domínio do discurso do capitalista e o desaparecimento dos sujeitos. Não importa se somos de direita ou esquerda, ativos ou passivos, carentes ou descolados, o binarismo perde e o que nos divide é a negação da problematização do domínio dos dispositivos e um discurso que não permite sujeitos desejantes. Isto vale para ricos ou pobres, burgueses ou operários, cada vez mais nos tornamos errantes em um deserto de dispositivos. O autor ressalta um dispositivo em potência de distração: o clima, ou se preferir, o vegano, ou se ainda preferir, o politicamente correto, todos legítimos, mas todos em excesso. O funcionamento é pela via do excesso, par da falta, tão conhecida pela psicanálise.

Esse é o novo modo de perceber a condição humana universal – uma universalidade completamente perversa (*a wicked universality*), é verdade, mas a única da qual dispomos, uma vez que a precedente, a da globalização, parece desaparecer do horizonte. A nova universalidade consiste em sentir que o solo está em vias de ceder (LATOUR, 2020, p. 3).

A saída para o autor é pela desconfiança que pode levar o sujeito a uma psicanálise, de que algo está errado no mundo dos dispositivos.

A hipótese parece inverossímil: a ideia de denegação se assemelha demais a uma interpretação psicanalítica ou a uma teoria da conspiração. Contudo, ela se torna mais plausível se fizermos a suposição bastante razoável de que as pessoas rapidamente desconfiam quando se esconde alguma coisa delas, e se preparam para agir em resposta a isso. Ainda que não haja um flagrante da traição, os efeitos da desconfiança são bem visíveis (LATOUR, 2020, p. 6).

Neste artigo, a psicanálise é a saída ética para esta dúvida, para o conflito, para a confusão nas identificações do errante, que passa a desconfiar dos dispositivos, a se perder na própria errância. A psicanálise tem uma porta aberta para seu trabalho a partir desta desconfiança, de que há algo errado no deserto do Real dos dispositivos. É neste lugar que o dispositivo analítico pode aparecer na viagem do errante.

A busca por uma possível organização da errância parece ser um tanto estranha, mas não quando vista pelo olhar de um cuidado de si e pelo ponto de vista de um aterramento possível para o sujeito errante diante de sua paranoica constatação de traição por parte dos dispositivos.

Amiel (2005, p. 233) faz uma reflexão importante sobre a exclusão da existência: uma ancora do sintoma com o laço social. O autor sugere que o desejo do analista seja de ouvir um pouco além de sua leitura imaginária usual, devido a grande dificuldade para o analisante em articular o sintoma que o habita.

Amiel (2005, p. 234), fugindo do termo exclusão, por seu uso no senso comum, associa este à falta de uma adoção simbólica. Não afasta a possibilidade da exclusão real, a que muitos sujeitos são submetidos, uma segregação ao trabalho por exemplo. Em seguida, o autor trata da exclusão fisiológica, a partir do entendimento de Freud a respeito da falta fundante do sujeito articulado ao Outro inconsciente. Para Lacan, vai se situar no não-todo, na incompletude, na não relação sexual.

Isso nos permite abordar mantendo um certo aspecto da clínica pós-pós-moderna, o do sujeito que não teria sido adotado pelo pai ou por quem o pacto simbólico pelo qual é possível 'ser filho de' teria permanecido durante a noite e a névoa. Todo mundo, ao nascer tinha que ser primeiramente adotado por aqueles que só se tornam pais depois, isso incluindo filhos biológicos [...]. No caso de esta adoção simbólica não acontecer, que tipo de consequência podemos detectar? (AMIEL, 2005, p. 235-236).<sup>2</sup>

Para Amiel (2005, p. 236-237), é negado ao nascente o significativo fálico, pela inadimplência da função paterna. Este sujeito está fora da lógica fálica, mas isto não significa um rasgo irrevogável no tecido simbólico.

---

<sup>2</sup> Tradução livre do francês para o português pelo autor do artigo.

Isto é comumente expresso pelo sujeito como uma possibilidade de desejar (o mundo carece desta pequena centelha que iria arrancá-lo de seu peso cinza e monótono), ou pela ocorrência de colapsos muito frequentes no campo do desejo que o mergulham em um espaço triste e sombrio, mas também como a impossibilidade momentânea para ter acesso à fala, alteridade, existência ou vida. (AMIEL, 2005, p. 237).

Para o autor, apesar de o insucesso da adoção simbólica atingir o acesso ao significante fálico pela metáfora paterna não afetará necessariamente o Nome-do-Pai que pode estar estabelecido por uma rota diferente daquela da geração genital.

Para Forbes (2012, p. 8), a psicanálise é o tratamento do estranho de cada pessoa, do trato com seu inconsciente “que causa o ser falante a responsabilizar-se pela invenção de seu estilo singular de usufruir de seu corpo e de sua vida”. O autor responsabiliza o *fallasser* com o seu inconsciente, suas pulsões, seus modos de gozo.

Para Lacan, o desejo do analista é o desejo de obter a diferença absoluta, levar o analisante ao encontro com seu  $S_1$  (significante-puro).

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver (LACAN, 2005 [1962-1963], p. 260).

A partir do colocado por Amiel (2005), a clínica implicaria dar um domicílio para o Nome-do-Pai em vez do Outro, que seria uma grande movimentação do analista implicar o sujeito em todo e qualquer possibilidade de laço social. Na falta de qualquer laço social, a própria clínica ocuparia o lugar de restabelecer lugar ao Nome-do-Pai ou a legitimidade da errância do sujeito. Legitimidade esta que não negligencia o cuidado-de-si como ética para este neosujeito errante e poderia ser um lugar a aterrar-se.

Por conta dessa intensa movimentação em identificações hiperdinâmicas, o objeto  $\forall$  circula aleatoriamente, parecendo muitas vezes um enigma, e algumas vezes como subúrbios das estruturas conhecidas pela psicopatologia psicanalítica. O errante também leva o seu objeto *a* no bolso.

A análise pode oferecer um lugar para existir, constituindo uma razão para viver. Porém existem os riscos dela mesma levar o sujeito a assumir uma estrutura apesar da falha inaugural com a metáfora paterna com um pedido de adoção pelo analista. Caso isto ocorresse, iria ferir os princípios da transferência como lugar de apenas respiro diante da resistência do analisante e do lugar do analista como sujeito-suposto-saber completamente desprovido desta capacidade de adoção. Para escapar a isto, é necessário implicar o sujeito com o Real desconhecido e com o qual está lidando em sua jornada, adotando a análise e não o analista como ponto de aterro.

Segundo Amiel (2005, p. 240), se é raro na análise um pedido de adoção pelo trabalho simbólico da linguagem, será mais comum um pedido de ajuda para encerrar a tirania materna, a qual ele confusamente apresenta como um abandono da metáfora paterna. É aqui que o errante se separa de um estruturado? Parece que sim para este artigo.

O ouvir do analista na direção do tratamento é o mais próximo possível da função simbólica da fala e do silêncio (que também fala), embora o arranjo inicial seja a de um desejo, de uma palavra ou existência proibida. Como a análise falha, segundo Lacan, no fazer desejar do sujeito, cabe ao analisante a decisão solitária de uma possível adoção de si mesmo pela via do cuidado-de-si. O analista se coloca como sustentação deste cuidado-de-si, na posição de objeto *a*. A resistência do analista é essa, a de sustentar essa posição e permitir que a psicanálise seja *a* no bolso do sujeito errante.

Uma saída pela ética se aproxima de uma saída pela arte que em Freud seria pela via do amor à verdade e em Lacan a um bem-dizer sobre o real de cada um.

Tanto Freud quanto Lacan são muito exigentes em relação aos princípios éticos da psicanálise. Freud afirma que a cura se baseia no amor à verdade, ao passo que Lacan a assenta no 'bem-dizer', um dizer que não corra por uma via diferente da real de cada um. Atualmente, seria, por acaso, a psicanálise o único discurso em que a palavra não está divorciada da economia libidinal dos sujeitos? (ONS, 2014).

Cabe a psicanálise atravessar o seu próprio fantasma. Que na sua relação com o objeto do discurso do capitalista possa criar, cada vez mais formas inovadoras de escuta, dentro do Real do sujeito que ainda existe em cada um. A psicanálise - ao sair da armadilha, que captura a todos pelo discurso capitalista, e subverte os próprios dispositivos que dela se apropriam, pela via das instituições, e se abre para a escuta de novas subjetivações, como a do errante - pode fazer diferença, nela mesma, a psicanálise.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** São Paulo: [s.n.]. 2005.

AMIEL, G. À propos du sujet "after-post-moderne" ou de l'exclusion à l'existence. In: LEBRUN, J.-P. **Les désarrois nouveaux du sujet**. Année: Eres, 2005. p. 233-243. Disponível em: <https://www.cairn.info/les-desarrois-nouveaux-du-sujet--9782865869213.htm>. Acesso em: 14 dez 2020.

ASSAD, S. A criança não sem a loucura dos pais e da ciência: o avesso de Medeia. **Opção Lacaniana Online**, v. 13, março 2014. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero14/texto9.html>. Acesso em: 16 dez 2020.

FLORIDI, L. The Onlife Manifesto. In: FLORIDI, L. **The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. New York: Springer, 2015. p. 7-13.

FORBES, J. **Inconsciente e responsabilidade: Psicanálise do século XXI**. São Paulo: Manole, 2012. 203 p.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Sigmund Freud obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011. p. 9-100. Trabalho original: 1921.

FREUD, S. O mal estar na civilização. In: FREUD, S. **Sigmund Freud obras completas volume 18. O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010. p. 9-89. Trabalho original: 1930.

LACAN, J. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Trabalho original: 1962-1963.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. Trabalho original: 1969-1970.

LACAN, J. Radiofonia. In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 401-447. Trabalho original: 1970.

LACAN, J. **O seminário, livro 21: Os não-tolos erram / Os nomes do pai**. Tradução de F. e Volaco, G. C. Denez. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. 275 p. Trabalho original: 1973-1974. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 14/12/2020.

LACAN, J. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972. **Trilhar: caminhos em psicanálise, Milão, 25 mar. 2015**. Disponível em: <https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/>. Acesso em: 07/12/2020.

LATOUR, B. **Onde aterrar?** 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução de M. Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2007.

LEBRUN, J.-P. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. 218 p.

LEBRUN, J.-P. **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 2008.

LEBRUN, J.-P. **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC, 2010.

ONS, S. Tudo o que você precisa saber sobre a psicanálise. São Paulo: Planeta, 2014.

RINALDI, D. **A ética da diferença: Um debate entre psicanálise e antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

*Recebido em 31 de março de 2021.*

*Aceito em 20 de maio de 2021.*

*Publicado em 22 de julho de 2021.*

## **SOBRE O AUTOR**

Hudson Augusto Rodrigues Bonomo é doutorando em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA); Mestre em Ciências em Engenharia Mecânica pela COPPE/UFRJ; Pós-graduado em Clínica Psicanalítica na Universidade Santa Úrsula (USU); Psicanalista Membro Associado da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID); Coordenador Geral, Supervisor Clínico e Professor da Especialização em Teoria Psicanalítica e da Especialização em Prática Clínica Psicanalítica Institucional da Universidade Santa Úrsula (USU).

E-mail: [hudson.bonomo@gmail.com](mailto:hudson.bonomo@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0656-7641>